

## INTRODUÇÃO

De Odette ASLAN à obra  
de Odette ASLAN (Éd.) - *Le masque, Du rite au théâtre*,  
Paris, CNRS Éditions, 1999, pp. 13-15.

*(Tradução de João Maria André)*

A máscara torna-se essencial na representação teatral. Aparece sob múltiplos aspectos, toma diversas significações, assume esta ou aquela função. Não podemos abordar os problemas complexos que levanta senão multiplicando as aproximações e os modos de análise no decurso de uma investigação colectiva. Limitámo-nos a espectáculos, grupos e intérpretes para os quais a máscara é fundamental, a ponto de questionar todos os elementos da representação<sup>1</sup>.

A máscara foi utilizada de modo exemplar na tragédia grega, na comedia dell'arte, foi rejeitada nomeadamente pela escola naturalista. No Oriente, perduram as representações tradicionais com máscara ou com pinturas faciais (Kathakali, nô, ópera de Pequim). Mas a utilização da máscara não é um fenómeno específico no Teatro, remonta a cerimónias rituais, ao culto dos antepassados ou dos mortos, aos ritos de iniciação ou de fertilidade, às festas de Carnaval. Como decifrar estes vestígios enigmáticos, proteiformes, se os examinamos nas vitrinas dos museus? Não são senão vestígios isolados. Com as suas órbitas encovadas, ou os seus olhos protuberantes, os seus traços zoomorfos ou abstractizados, fixadas nas esculturas, frescos, pinturas de vasos ou conservadas em jarras, não poderiam encontrar toda a sua significação a não ser animadas pela carne e o sangue dos que as usam, movidas pela música e a dança de que procediam, descodificadas pelos membros de uma sociedade de iniciados. A

---

<sup>1</sup> Temos tendência, no teatro, a chamar "máscara" à parte de couro ou de pasta de papel que o actor coloca sobre o rosto e que deixa ou não a descoberto os lábios e o queixo. Quando o crânio e o pescoço são cobertos ao mesmo tempo que a face, fala-se de "cabeça" ou mesmo de "cabeçudo" [grosse tête]. O que cobre o corpo do actor, vestimenta ou dispositivo de natureza animal, chama-se "indumentária", "disfarce" ou "pele de animal". Nos rituais e nas festas, a "máscara" designa simultaneamente o que cobre a cabeça e o corpo, o que a usa, a personagem que encarna, e o género que representa.

sua forma duradoura é um logro; horrível ou bela aos nossos olhos faz-nos esquecer que deveria ter perecido depois da sua primeira ou da sua última utilização. A máscara faz chegar o intérprete e o auditório ao ponto culminante de uma cerimónia, longamente preparada tendo em vista conciliar-se com forças benéficas ou vencer demónio, captar energias de um mundo para outro. Através da máscara passa o sopro de um para-além irracional, e na concentração de uma comunidade completamente entregue à realização de um rito, contemplando através das imagens uma série de conceitos conhecidos apenas dela, máscara e fato, proclamação, coreografia, música e sons, ocupação do espaço, são indissociáveis. Terminado o ritual, desaparecida a comunidade, o objecto máscara deveria desaparecer. Aliás, muitas vezes terá sido destruída, queimada ou deixada perecer pela usura.

Mascarar-se, num ritual, é emprestar vida a um ser superior, um Deus. Através destes objectos de madeira, de marfim, ou de papel, vemo-nos confrontados com panteões dos cinco continentes, relacionados com o animismo, o budismo, o sufismo, somos levados a reflectir sobre um modo de vida, um pensamento, uma filosofia. É porque as máscaras e as cerimónias com máscaras assumiam o encargo espiritual da comunidade que em muitas das ocasiões em que foram retomadas e em todas as latitudes os poderes constituídos as caucionaram ou as destruíram.

A máscara, uma segunda pele sobre o rosto, enrugada, inchada ou esticada, uma cabeça diferente, maior, mas também um corpo que parece transformado exteriormente e que, na realidade, é transformado a partir de dentro. O que a usa, que se reconhece emprestar a sua respiração para animar a carcaça da máscara, é ele próprio animado pelo espírito correspondente a essa máscara e dotado provisoriamente de uma energia superior à sua. Representando um Deus, um espírito do além, entra num estado "diferente" introduzindo-se na máscara? Ele não permanece imóvel, dança, salta, é agitado por sobressaltos, solicitado por uma música cada vez mais poderosa e rápida.

Parece-nos a nós, Ocidentais, que o utilizador de uma máscara africana se debate como se tivesse alguma coisa a expulsar por todos os poros; que no Tibete o corpo dá saltos em direcção ao céu; que na Índia os pés nus, em contacto com o solo que martelam indefinidamente, tentam captar as forças telúricas. Em relação com o grande Todo, o ser

mascarado antropomorfo ou zoomorfo é integrado na Criação. Mantém correspondência com os seres subterrâneos, os mortos que habitam nas trevas ou os monstros infernais, os espíritos errantes e as forças celestes. Assimilado temporariamente a uma destas forças que é necessário conciliar ou conjurar, ele não existe, não significa, não age senão em presença de uma comunidade e em função de crenças colectivas. Celebra e faz reviver um mito que tem a adesão de todos e desperta ainda paixões. O *Ramayana* ou o *Mahabarata*, longos rios de contos que colocam no centro a encarnação do Budha na terra com Demónios terríveis, não é considerado um conto para crianças, mas reanima os corações e exorta-os activamente à luta do Bem contra o Mal. As crenças, a codificação, os ritos mantêm-se no rasto de religiões, de filosofias tenazes, suportando de forma indelével cerimónias com máscaras.

A máscara é "inseparável do seu gesto e da sua gesta"<sup>2</sup>, inseparável das máscaras que pertencem a um mesmo clã, de objectos rituais, de fétiches, totems, de uma dada sociedade, inseparável dos mitos que a geraram. Tentar compreender as máscaras é querer entrar no mistério de outras civilizações, é ensaiar um outro modo de representação e de pensamento.

Como tira o teatro ocidental partido deste objecto que já não honra os antepassados ou os deuses destronados?

"O uso da máscara coincide estranhamente com os mais belos momentos do teatro, ou, em todo o caso, com os mais refinados."<sup>3</sup> Tragédia grega em coturnos, comédia latina satírica, comedia dell'arte, testemunham, com efeito, uma utilização impetuosa da máscara e do jogo com máscaras, de uma forma poderosa e até mesmo de um código. Depois a máscara teatral vai-se rarificando, reduzida à "farinha" (os "enfarinhados"), ou vai servindo a Molière para fazer representar Mme Pernelle (*Tartuffe*) por um homem, ou dar aos seus médicos (*L'Amour médecin*) a cabeça dos médicos da Corte.

Segundo as épocas ou as individualidades, assiste-se a rejeições violentas ou a renovos de admiração, raramente à simples indiferença. Rejeições da parte de actores de hoje (Marcello

---

<sup>2</sup> Cf. Marcel Griaule, de que se lerá, com interesse, *Les Masques Dogon*, Paris, Institut Ethnologique, 1939, Réed. Institut Ethnologique/Musée de l'Homme, 1983.

<sup>3</sup> Charles Dullin, "Considérations sur les acteurs japonais" in *Correspondance* N° 16, Mai 1930, reproduzido em *Souvenirs et notes de travail d'un acteur*, Paris, Éd. Odette Lieutier, 1946, p. 61.

Moretti, reticente e depois conquistado), ou de coreógrafos de ontem (J. G. Noverre ao recusar mascarar os dançarinos da Ópera em 1760), adopção entusiasta da parte de teóricos ou de autores dramáticos (E. G. Craig, W. B. Yeats, E. O. Neill) ou de encenadores (P. Schumann, sonha com "florestas de máscaras", Ariane Mnouchkine de espectáculo para espectáculo, explora todas as possibilidades do jogo de máscaras).

Foi-nos útil, num primeiro tempo, cingir-nos ao mesmo esforço que os intérpretes com máscara: partir do grau zero, pormo-nos à escuta, esquecer, na ocorrência, por momentos, a história do teatro ocidental, prepararmo-nos para subir um caminho iniciático e ver como as cerimónias, os rituais, falam à nossa sensibilidade, acordam ecos, para reconsiderar depois o teatro de hoje. Incitamos o leitor a seguir o mesmo percurso.

Num segundo tempo, abordámos os problemas específicos do Teatro<sup>4</sup>: Que se entende por máscara em Teatro? É ela o simples objecto de cartão colocado sobre o rosto, ou a máscara/personagem? Em que é que se parece com o ritual, com o jogo carnavalesco, qual é a sua especificidade? Porque desaparece em certas épocas e porque ressurgue noutras? Corresponde a um facto de civilização ou não é tributária senão de iniciativas artísticas? Por que razão tal encenador a rejeita e a que necessidade profunda corresponde naquele que não pode passar sem ela? É ela estética e/ou funcional? Que funções lhe são atribuídas em tal tipo de dramaturgia ou de representação? Como intervém no processo global de um encenador? Implica estruturas diferentes de composição, um jogo particular de actor? Age sobre a voz e sobre o gestual do intérprete? Necessita de uma aprendizagem e qual? Constitui ela própria um utensílio pedagógico ou não é senão o agente de uma efémera metamorfose? Que fato lhe corresponde, que espaço, que ritmo? O criador de máscaras intervém na concepção do espectáculo e na forma de utilização das máscaras? Como recebe o espectador um espectáculo de máscaras?

Tantas foram as questões que esta mesas-redondas se propuseram abordar, sem tratar exaustivamente um assunto extremamente complexo. Colocámos o acento nos pontos fortes,

---

<sup>4</sup> Tivemos de nos limitar ao teatro dramático e não abordámos a utilização da máscara nem na arte coreográfica, nem no teatro lírico.

dando respostas, suscitando reflexões. O conjunto dos textos aqui reunidos constitui um importante patamar para uma nova investigação.

Interessámo-nos igualmente pela relação máscara/marionete (rigidez, fixidez dos traços, conduzindo ou não ao jogo de particularidades comuns), pela maquilhagem/máscara (mobilidade dos traços incitando a um jogo completamente diferente do jogo "com máscaras" ou aproximando-se dele), pela "máscara facial" caso-limite, afinal, em que os músculos da face do actor criam uma "máscara" e se imobilizam numa expressão.

A nossa reflexão sobre a máscara de face ou a máscara corporal estendeu-se não apenas à máscara personagem mas também à máscara social, ao Duplo, ao Outro; examinando processos de dissimulação ou de mascaramento do actor, tratámos da metamorfose ou do desvelamento revelador da pessoa. Em sentido próprio ou em sentido figurado o próprio termo máscara não foi sempre tomado na mesma acepção por todos os encenadores e analistas. Esta diversidade de pontos de vista mais não fez do que sublinhar a riqueza de um tema que suscita interesses de ordem diferente.

Sob a forma de exposições ou resumos dos debates que se desenrolaram, encontrar-se-ão nesta obra testemunhos sobre a prática da máscara e conversas entre encenadores que, não tendo podido assistir à nossa Mesa Redonda devido a ensaios, participaram nas nossas reuniões posteriores.